

REFLEXÕES SOBRE A IMAGEM NO COTIDIANO ESCOLAR ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA DIGITAL

VALESCA LÊDO MATOS¹; MIRELA RIBEIRO MEIRA²

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento junto ao Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, Mestrado, do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, em Pelotas, RS. Realiza um estudo crítico sobre as imagens no cotidiano e nas aulas de arte através da influência e utilização de imagens digitais, capturadas com câmeras de celulares em uma escola municipal da rede pública municipal de Ensino Fundamental da cidade de Bagé, RS.

A escolha do tema advém de que, como docente, tenho realizado diversos trabalhos utilizando o tema e o considero um campo importante de ensino que vale a pena aprofundar. Considerando as transformações midiáticas que estamos sofrendo na escola, no país e no mundo, a fotografia digital pode ser um meio de educação social e ambiental. Investigo, assim, possíveis transformações nos participantes, principalmente as provocadas pelo uso da fotografia digital. Através de seu uso/manipulação, os alunos podem se constituir enquanto possuidores de saberes. Ou seja, ao serem provocados/provocarem experiências que transformam sua visão de mundo e hábitos perceptivos, podem criar, além de interações com o meio, percepções, reações, relações, expressões e deslocamentos, articulando arte e tecnologia e (re) pensando o social. Enfatizo que a abordagem crítica da imagem, segundo Martins (2008,p.1356) “[...] não deve lidar apenas com problemas estéticos ou questões artísticas, mas com fatos e realidades sociais que põem em pauta discussões sobre a cultura, a sociedade e seus sujeitos”. Isso porque, “[...] na cultura contemporânea, a crítica da imagem é, também, uma crítica do poder e, com frequência, as relações entre imagem e poder se apresentam de forma camuflada, sutil, na maioria das vezes, pouco perceptível”.

O trabalho se dirige à *educação do olhar* (MEIRA, 2011) e ao estudo das imagens via fotografia digital no cotidiano escolar e da Cultura Visual. Esta pode proporcionar aos alunos, “[...] construir um olhar crítico em relação ao poder das imagens, auxiliando-os a desenvolver um sentido de responsabilidade diante das liberdades decorrentes desse poder” (MARTINS, 2008, p.1358). A *compreensão crítica da experiência visual*, ao proporcionar um *conhecimento visual* não se assenta em “[...] valorações ou juízos individuais, mas na pluralidade de perspectivas de análise em relação aos objetos e sujeitos da cultura visual” e, além disso, foca-se “[...] em ‘como’ [as imagens] significam” (HERNÁNDEZ, 2007, p. 87).

Essa significação constrói sentidos, e o diálogo com as imagens permite com que eles se vinculem às experiências subjetivas e sejam incorporados às práticas culturais, nem sempre tornadas conscientes. A Cultura Visual “[...] atua sobre nossa percepção de objetos, informações, dados, relações interpessoais, de forma não natural” (MEIRA; MEIRA, 2014, p. 63) , e em geral, os professores não estão aptos a lidar com essa problemática. É preciso que eduquem, tanto quanto os estudantes, seus olhares. Nesse contexto, passa por educar a sensibilidade, “[...] investir na reciprocidade e no diálogo que a arte oferece”, ampliando-se a imaginação “[...] com

¹Universidade Federal de Pelotas - UFPEL – valescalmatos@gmail.com

²Orientadora. Universidade Federal de Pelotas - UFPEL – mirelameira@gmail.com

aprendizagens de um fazer criador com autoria, que possibilite a construção de imagens/síntese, (...) alegorias, metáforas aproximativas” nas quais a imagem pode ser “[...] um corpo de ideias, uma posição política um recorte ético, um mapa de sentidos sobre o que aprendeu” (MEIRA, 2011, p.104). A imagem é a mediadora do imaginário, inserida na vida, traduzindo valores humanos, éticos e estéticos.

Nossa civilização, ocidental, inserida em mídias e tecnologias, vê estabelecidos novos padrões de vida, porém, à custa, muitas vezes, da regressão da sensibilidade humana, conforme pontua Duarte Jr.(2010, p. 25), para quem nos encontramos “[...] num verdadeiro limite entre a civilização e a barbárie, estando esta, porém, instrumentalizada por todas as maravilhas científicas e tecnológicas proporcionadas por aquela”.

Dessa forma as aulas de Arte, ao contrário das demais disciplinas, articulam sensações, percepções e reflexões onde o aluno possa inserir e questionar, em seu cotidiano, esse poder midiático e tecnológico. A investigação atua no sentido de buscar a transformação dessas práticas cotidianas, onde a fotografia artística pode despertar novos olhares, novos fazeres e novas conexões no processo pedagógico a partir de uma perspectiva contemporânea. A fotografia torna-se um processo de extrema importância para sua consecução, uma vez que “[...] estamos vivendo um momento excepcional para a fotografia, pois hoje o mundo da arte a acolhe como nunca o fez e os fotógrafos consideram as galerias e os livros de arte o espaço natural para expor seu trabalho (COTTON, 2010, p.07)”.

Utilizando as câmeras dos seus celulares, os alunos podem buscar o que Duarte Júnior (2010, p. 26) chama de *um saber sensível*, já que “[...] somos educados para obtenção do inteligível (abstrato, genérico e cerebral) e deseducados no que tange ao saber sensível (concreto, particular e corporal)”. O saber intelectual sobrepõe-se ao saber sensível na maioria das aulas de outras disciplinas, cabendo a nós professores de Arte a tentativa de educar e refinar os sentidos, pois “[...] a educação do sensível nada mais significa do que dirigir nossa atenção (...) [àquele] saber primeiro que veio sendo sistematicamente preterido em favor do conhecimento intelectual (DUARTE Jr. 2000, p.15)”.

Com o fácil acesso às tecnologias, como a utilização das câmeras nos celulares, o aluno passa a interagir no mundo de forma diferente. Ao utilizar a fotografia, gera uma grande circulação de imagens através de redes sociais, esta passa então a ser um agente facilitador e mediador do consciente ser/estar no mundo, além de proporcionar novas percepções, reflexões e experiências. A importância da experiência já havia sido salientada por Dewey (2010, p. 109), já que esta “[...] ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver ”.

Pretende-se que a fotografia digital nesse contexto sirva como meio de educação social, ambiental e também como produtora de subjetividades, consoante assinala Félix Guattari (2012, p. 08-9), quando salienta a necessidade de “[...] uma articulação ético-política [a Ecosofia] entre os três registros ecológicos [meio ambiente (Ecologia Ambiental), relações sociais (Ecologia Social) e a subjetividade humana (Ecologia Mental)] (...) sem a qual não haveria uma resposta à crise ecológica em escala planetária”.

METODOLOGIA

A investigação é qualitativa, do tipo estudo de caso, e se caracteriza como uma pesquisa-ação, pelo fato da pesquisadora estar inserida no processo. O campo conta com processos de recolha de dados imagéticos em oficinas de fotografia, em

sala de aula e no ambiente escolar e arredores, problematizando através da imagem, num primeiro momento, questões ambientais. Serão realizados oito encontros de uma hora e trinta minutos de duração, de agosto a novembro de 2016, com um grupo de 24 alunos de uma turma de oitavo ano. As oficinas tem como principal objetivo a educação do olhar dos envolvidos, a produção de dados imagéticos relacionados, num primeiro momento, à busca da Ecosofia Ambiental (GUATTARI, 2012).

Após as oficinas, as imagens capturadas serão discutidas e analisadas pelos alunos, provocando uma reflexão sobre seus cotidianos e o papel da imagem nele. Essas reflexões serão registradas e socializadas através de textos/imagens que representem suas expressões, impressões, críticas, inquietações, criações etc. Essa forma de trabalhar os dados insere-se em um método de trabalho chamado de A/R/Tografia, uma forma de pesquisa recente para trabalhar no campo da imagem, ao proporcionar que as informações venham não somente da escrita, mas também da imagem. A A/R/tografia é um novo método que se constitui “[...] de um encontro construído através de compreensões, experiências e representações artísticas e textuais” (DIAS; IRWIN, 2013, p. 28-9). A ela interessa muito o processo, está atenta à vida, ao tempo, ao cotidiano, e explora ligações inexploradas. Interessa-se por histórias de vida, lembranças e fotografias, e desenvolve um trabalho reflexivo, recursivo, onde consta o processo de pesquisa do artista/pesquisador/professor. A A/R/tografia *aceita e ressalta a incerteza, a imaginação, a ilusão, a introspecção, a visualização e o dinamismo*.

Um diário de campo com registros escritos e imagens, minhas e dos alunos, fará parte da pesquisa como relato, aliado a outros passos como: produção e (des) construção de imagens; seminários de discussão e reflexão; fichamento de textos especializados; vivências e experiências estéticas; captação e produção de imagens; coleta de depoimentos através de expressões orais e escritas; visita a exposições de Arte. Estes processos metodológicos passam por propor/realizar uma reflexão, via fotografia, sobre a Ecologia, a subjetividade, o meio ambiente e as relações, atuando no sentido de educar seus olhares para essas questões. Isso demanda investigar como os alunos absorvem, criticam, negam etc. imagens e informações, e como as *processam*, reproduzindo meramente o que veem ou se realizam uma reflexão sobre o que veem.

O trabalho prático das Oficinas iniciou-se no mês de junho desse ano, através de algumas incursões pelo bairro, após termos discutido As Três Ecologias. Observamos qual das ecologias mais se destacava no meio em questão. Após, em aula, refletimos qual delas deveria ser trabalhada levando em conta o contexto do bairro, concluindo que a Ambiental, pois havia muito lixo pelas ruas, calçadas e terrenos baldios. Durante três manhãs o grupo fotografou, buscando novas percepções, reflexões, deslocamentos e ações sobre o meio, tentando modificar padrões em relação ao lixo. Após, fizemos uma microintervenção no saguão da escola com fotografias impressas minhas e dos alunos, em tamanho 15 x 21cm, dependuradas no teto junto a frases questionadoras levantadas por eles, como: *Quem colocou lixo aqui? A natureza merece isso? Para onde vai o lixo que você produz? Você acha que é o local adequado para o descarte de lixo?*

A microintervenção proporcionou uma conscientização da comunidade escolar em relação à produção de lixo e ao descarte inadequado, enfatizando a Ecologia Ambiental, buscando soluções quanto à produção e descarte do lixo no bairro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi iniciada com os alunos ao saírem da escola para fotografar o ambiente escolar e o bairro onde a escola está inserida, percebendo-os de forma distinta, refletindo sobre o cotidiano e discutindo-o em sala de aula através das imagens e novas visualidades encontradas. A captação de imagens com os celulares permitiu um novo olhar, uma consciência ecológica e ambiental que antes não existia, gerando reflexões:

No primeiro dia que fomos às ruas para tirar foto do lixo, eu fiquei apavorado porque nunca prestei atenção onde caminhava, mas quando íamos passando na primeira quadra já tinha lixo pra caramba. Isso mudou muito pra mim porque até eu atirava lixo em qualquer lugar, mas agora penso antes de atirar lixo e também percebi que o lixo polui muito o meio ambiente. (I, Depoimento. Bagé, 2016)

CONCLUSÕES

Até o presente momento, percebe-se que a fotografia digital influencia visualidades e maneiras de ver o mundo, porque fotografar é um ato de experiência estética, e esta possibilita com que a sensibilidade seja educada. Nesse caso, educada para a percepção da necessidade de cuidar do meio ambiente. Os sentidos se aguçam, as percepções se ampliam e surgem então reflexões e novos olhares sobre o cotidiano escolar e o mundo onde vivem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COTTON, Charlotte. **A fotografia como Arte Contemporânea**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Org). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/R/Tografia**. Santa Maria: Editora UFS, 2013.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. **A montanha e o videogame**. SP. Papyrus, 2010.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: A educação (do) sensível**. 2000.117f. Tese Doutorado (Filosofia e História da Educação) – Universidade Estadual de Campinas. São Paulo. 2000.
- GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Culturavizual**. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- MARTINS, Raimundo. **Visualidade e educação**. Goiânia: FUNAPE, 2008.
- _____. *Cenas contemporâneas da Cultura Visual: quando instabilidade e incerteza nos ajudam a pensar a educação*. **ANAIS. 17º ANPAP**. Florianópolis, SC: 2008.
- MEIRA, Marly. **Educação Estética, Arte e Cultura do Cotidiano**. PILLAR, Analice et alii (orgs). **A Educação do Olhar no Ensino das Artes**. 6 ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- MEIRA, Marly; MEIRA, Mirela R. *Metamorfoses, Reverberações e Interfaces: Cultura Visual, Arte e Ação Educativa*. In: MARTINS, Raimundo; MARTINS, Alice (orgs). **Cultura Visual e Ensino de Arte: concepções e Práticas em Diálogo**. Pelotas, Editora UFPel, 2014.